



Era Karl Barth um evangélico?

Alan Pieratt

Faculdade Luterana de Teologia

Julho de 1998

ERA KARL BARTH UM EVANGÉLICO?

Alan Pieratt*

INTRODUÇÃO

Ouvi o nome “Karl Barth” pela primeira vez há cerca de vinte anos, numa faculdade de estudos bíblicos, como parte de um curso panorâmico de Teologia Contemporânea.¹ Foi a mais breve das introduções. O pensamento de Barth foi apresentado em uma preleção intitulada “Teologia Neo-ortodoxa”, e liquidado com algumas palavras de crítica. Deixei o curso com a nítida impressão de que Barth não era amigo dos evangélicos.

Não é exagero dizer que a maioria dos professores evangélicos de Teologia no Brasil hoje têm essa mesma impressão. Barth é visto como alguém que deve ser evitado, no máximo ele é um teólogo neo-ortodoxo escorregadio, que está mais ligado a liberais como Schleiermacher, Tillich e Bultmann, do que aos evangélicos. É meu propósito neste artigo argumentar que nada pode estar mais distante da verdade. Pelo contrário, eu gostaria de sugerir aos leitores de *Vox Scripturae* que Karl Barth é melhor entendido como o maior defensor da teologia evangélica que surgiu desde Calvino e Lutero.

Antes de começar meu argumento, devo dar a razão porque a maioria dos evangélicos considera Barth de uma forma e eu de outra.

* Alan Pieratt, Th.M., Th.D., professor da área de teologia sistemática da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, diretor de Edições Vida Nova, um dos editores de *Vox Scripturae* e também autor de alguns artigos e livros publicados no Brasil. O artigo originalmente em inglês foi traduzido por Daniel Vieira Soares de Oliveira.

¹ Karl Barth (1886-1968) viveu a maior parte de sua vida na Suíça, onde foi pastor de uma igreja reformada (1911-1921) em Basiléia, antes de ingressar na carreira de professor de Teologia em Göttingen, Münster e Bonn. Embora nunca tenha retornado ao púlpito como pastor de uma igreja, manteve seu amor pela pregação e ação social ministrando para detentos na cadeia. Independente de qualquer coisa que possa ser dita a favor ou contra Barth, ele não era covarde. Poucos meses depois da ascensão de Hitler ao poder em 1933, Barth publicou um panfleto intitulado “Existência Teológica Hoje”, no qual atacava a manipulação hitlerista da igreja alemã. Alguns meses depois, Barth perdeu o cargo de professor na Universidade de Bonn por recusar-se a começar suas preleções com a saudação nazista “Heil Hitler!” e, em vez disso, começar com uma oração. Ele se mudou para a Suíça, onde passou o resto de sua vida, devotando mais de trinta anos na elaboração de sua conhecida obra “Dogmática da Igreja”.

Seria isso algum tipo de orgulho teológico de minha parte? De forma alguma. Minha opinião é compartilhada por muitos teólogos que conhecem bem Karl Barth. Por exemplo, F. D. Torrance, indiscutivelmente um teólogo de primeira linha e um dos principais tradutores da *Dogmática da Igreja*, chamou Barth de "...o grande Pai da Igreja da Cristandade Evangélica, o único, genuíno Doutor da Igreja Evangélica que a era moderna tem conhecido."² Esse foi um elogio muito forte, vindo de um mestre como Torrance.

O contexto desse elogio provê parte da resposta do porquê Barth ter sido mal interpretado. A *Dogmática da Igreja* totaliza treze volumes e nove mil páginas em alemão. A extensão dessa obra, associada ao seu estilo denso, pomposo e repetitivo a torna inacessível para quase todos os leitores. Nem de longe um número suficiente de professores que falam sobre Barth tem investido o tempo necessário para estudar toda sua obra. O resultado é que para a maioria dos estudantes só são apresentados os seus trabalhos iniciais e menores, principalmente *Romanos* ou a coletânea de ensaios intitulada *A Palavra de Deus e a Palavra do Homem*. Houve uma grande transição no pensamento de Barth após a redação desses primeiros trabalhos, e ele mesmo os corrigiu em sua *Dogmática*. Quem foi exposto somente aos primeiros trabalhos está sujeito a perpetuar uma visão distorcida de Barth como um pensador radical e, no máximo, um amigo duvidoso dos evangélicos. Esse foi um problema que perseguiu Barth a vida inteira.

O propósito deste pequeno artigo é, então, mostrar que Barth conscientemente escreveu a *Dogmática da Igreja* como uma teologia evangélica. Minha tentativa de demonstrar isso limita-se à primeira metade do volume I/1 da *Dogmática*, cerca de trezentas páginas.³ É uma porção muito modesta do todo, pois são os prolegômenos. Neles Barth revela mais claramente que em qualquer lugar o que ele esta propondo e a que estava se opondo. Essas são as duas categorias pelas quais se permitirá a Barth definir-se neste artigo.

Começemos observando a que Barth afirmou estar se opondo:

CONTRA O SECULARISMO

Barth viu o secularismo de nosso tempo como enraizado nas universidades onde se exalta a ciência e se nega à teologia seu lugar de

² Citado por Mueller, *The Life of Karl Barth*, p.159.

³ A numeração de páginas no texto refere-se à *Church Dogmatics* (tradução em inglês da obra em alemão *Kirkliche Dogmatik*, *Dogmática da Igreja*) I/1.

legítima disciplina acadêmica. Barth rejeitou essa exclusão de duas formas: Por um lado, a exclusão pela academia não tem importância porque a teologia tem um padrão de referência absoluto nas Escrituras e na pessoa de Jesus Cristo (58). Portanto, ela não tem que se justificar diante das outras disciplinas da era moderna, mas só, fielmente realizar sua tarefa de entender a Palavra de Deus. Por essa razão, a baixa conta em que a teologia é tida pelas outras ciências é de pouca importância.

Por outro lado, a teologia cristã sempre sustentou ter um lugar legítimo na academia para, pelo menos, mostrar que a certeza quase religiosa da ciência de seu entendimento do que seja a ciência, é, na verdade, disputada por pelo menos uma disciplina (11). A presença da teologia é, no mínimo, um lembrete de que a tradição que começou com o nome de Aristóteles é só uma entre outras. Se não pode haver dúvida da fundamentação da fé cristã, no mínimo há menos base ainda para negá-la.

O que irritou Barth muito mais que o orgulho das ciências modernas e sua rejeição da teologia cristã, foram as tentativas tolas dessas ciências de corrigir a fé cristã na base de seus métodos antropológico, psicológico, filosófico ou qualquer outro. O Cristianismo só pode ser avaliado com base em seu próprio fundamento, que é Cristo. Nenhuma lógica, física ou ontologia, pode ser um padrão para a teologia. As ciências fariam bem em se lembrar de que é pretensioso e desatinado pensarem que têm um ponto de vista do qual podem dizer à teologia como conduzir seus estudos (285).

CONTRA O MODERNISMO

Barth reagiu contra a teologia liberal, e a viu como uma heresia. Ele chamava de "heresia" as formas de crença cristã cuja interpretação da fé é uma contradição da fé (32). Todavia, como o reconheceu Irineu, as heresias não podem ser meramente descartadas. Seu conteúdo é distorcido, mas sua forma tem elementos cristãos verdadeiros, incluindo o próprio Jesus Cristo, as Escrituras, as confissões e os sacramentos do batismo e da ceia. Portanto, as heresias têm força e importância, porque confrontam a sã doutrina partindo de dentro da esfera da igreja.

As duas grandes formas de heresia que os evangélicos enfrentam hoje são o Modernismo e o Catolicismo. Ambos se apresentam como possibilidades de fé dentro da Igreja mas, paradoxalmente, em nenhum

deles é possível reconhecer seja a verdadeira fé, seja a Igreja de Jesus Cristo.

Fracassamos tão completamente em reconhecer neles a fé e a Igreja, que se torna inevitável a questão se ... o teólogo católico ou modernista não deve ser considerado como “um pagão ou publicano” Mt 18:17 (34, 286).

A respeito do Modernismo, em particular, ele acrescentou:

Em qualquer continuação concebível nessa linha (modernista protestante) eu só posso ver a total destruição da Teologia protestante e da Igreja protestante (1).

Mas como o Modernismo avançou tão rápido e como procedeu até agora? Por que a boa teologia sucumbiu diante dele na Europa do século XVIII? Ele ofereceu, como muitos argumentam, um tipo especial de esclarecimento da condição do homem diante de Deus? Barth respondeu dizendo que o declínio do evangelicalismo no século XVIII não foi devido ao fato de o homem ocidental repentinamente ficar mais esperto, ou seus sistemas filosóficos melhores, antes foi devido aos teólogos da Igreja tornarem-se preguiçosos e críticos (123-124). A Teologia moderna surgiu, e só podia surgir, quando a Igreja perdeu o entendimento de seus próprios fundamentos, esqueceu o seu próprio centro e entendeu mal a natureza da revelação.

Ao mesmo tempo, quando a teologia moderna erigiu-se como juíza da Palavra de Deus, ela proclamou sua própria sentença de morte (147). Essa sentença já era visível na pessoa de Lessing, um dos primeiros pensadores liberais. Ele era da opinião de que nenhuma pessoa inteligente podia acreditar que a Bíblia fosse a Palavra de Deus, no sentido de ser autorizadamente inspirada. Como Lessing o colocou, a Bíblia não passava no teste da “prova do espírito e poder”, e a pessoa inteligente que tentasse, invariavelmente cairia no poço da descrença. Aqui se revela o método liberal prototípico, que julga a Palavra de Deus com base na experiência pessoal ou na razão humana autônoma.

Contra todas as abordagens críticas da Palavra de Deus deste tipo, Barth argumentou que o cristão não tem liberdade para julgar os escritos canônicos das Escrituras de outra forma que não com os critérios que elas nos dão. As Escrituras são a Palavra de Deus para nós e provêem seus próprios critérios e padrão para julgamento. De forma alguma estamos livres para julgá-las por algum padrão exterior

ou filosofia ou crenças pessoais. É impossível começar com Heidegger e terminar com Cristo (161, 253-254). Se tentarmos, Cristo e seu reino estarão fechados para nós.

CONTRA O CATOLICISMO

Barth não é menos contrário ao Catolicismo romano. Ele deixa isso terrivelmente claro nas páginas de abertura do volume I/1.

Eu vejo a *analogia entis* como uma invenção do Anticristo e creio que, por causa dela, é impossível tornar-se um católico romano. Todas as outras razões para não fazer isso são, na minha opinião, míopes e triviais (1).

A *analogia entis*, como se sabe, é a idéia de que há uma centelha divina no homem, que provê um ponto de contato para a graça. Esse ensino é nada menos do que a base de todo o sistema da teologia católica. Negá-lo, como fez Barth, torna inviável todo o edifício da teologia católica.

Precisamente sobre esse ponto, Barth argumentou que o Catolicismo caiu no mesmo erro do Modernismo, pelo fato de que ambos acham uma fonte de revelação, uma fonte de critérios para a teologia que não são as Escrituras. Para o Modernismo são a experiência pessoal e a razão autônoma. Para o Catolicismo é o magistério da Igreja, unificado no papado (257-259). Nos dois casos o critério final para a fé e a moralidade não é a Bíblia mas algo acima dela. Nesse sentido, tanto o teólogo católico que se guia pela tradição ou pelo Papa, e o professor modernista de teologia que se guia pelo "espírito cristão" ou por sua própria razão, estão no mesmo barco. A doutrina evangélica deve diferenciar-se de ambos com a maior força e clareza possível.

CONTRA O MISTICISMO

Barth foi contra o misticismo porque este também procura a revelação em outro lugar que não no cânon das Escrituras (191-193). O místico olha para dentro, para achar a revelação de Deus em sua própria consciência religiosa. No êxtase de suas experiências interiores tudo o mais, inclusive a pregação, a Igreja e até mesmo Cristo, torna-se

descartável. Essa busca por Deus é possível somente na suposição de que, no homem, Deus criou um parceiro para si, alguém que seja capaz de chegar a ele por si só, alguém que possa ver e experimentar Deus baseado somente em seu próprio esforço (212-213).

Barth argumenta que há dois erros. Antes de tudo, nada há na experiência cristã como tal que distinga o autêntico do inautêntico. Até os magos do faraó experimentaram um tipo de poder sobrenatural. Não podemos tirar conclusões sobre a natureza de Deus ou de sua Palavra, da análise de nossa auto-compreensão. Devemos tirá-las da própria Palavra. Do contrário, acabaremos ficando só com o que todo homem já sabe sobre si mesmo (217-218).

Em segundo lugar, é errado pensar que Deus ou sua Palavra são acessíveis ao homem com base em seus esforços. Para usar a linguagem de Kant, a capacidade do homem de ouvir a Palavra de Deus não é uma faculdade. Pode-se conhecer a Deus, mas só quando Deus se dá a conhecer através da sua Palavra, na graça e na fé. Deus e sua Palavra vêm a nós, e não nós a eles. Qualquer um que pense poder lidar com a Palavra como com o capital à sua disposição, não tem a Palavra nem a fé cristã (225, 231).

O verdadeiro crente se desvia do misticismo como auto-exaltação e, em lugar disso, contenta-se em sentar-se no local mais baixo, em vez de ascender às alturas da experiência interior. Em sua humildade ele não vê a Palavra de Deus como uma posse, mas se esforça para alcançá-la, tem fome e sede dela. Ele não olha para dentro de si para achar Deus e sua Palavra, mas volta-se rapidamente para a proclamação, para as Escrituras e para Cristo.

BARTH POSICIONOU-SE PELAS ESCRITURAS, PELA PROCLAMAÇÃO E PELA TEOLOGIA

Em seus prolegômenos Barth identifica e separa as três grandes heresias às quais os evangélicos europeus devem se opor. O modernista, o católico e o místico podem ter, ou buscar, algumas das formas corretas da fé, mas sua doutrina é enganosa e perniciosa. Agora vejamos o quê, na opinião de Barth, o teólogo ortodoxo deve afirmar e defender. Nesta primeira parte de sua *Dogmática* Barth responde com força e paixão que ele é pelas Escrituras como a Palavra de Deus, e pela proclamação como o meio pelo qual Deus chama as pessoas à fé e obediência.

Pelas Escrituras

Barth via a Bíblia como absoluta em sua autoridade e, portanto, acima do homem, da Igreja e do teólogo.

Acima do Homem

É moda hoje afirmar a validade de todas as tradições religiosas como capazes de guiar o homem em uma ascensão até Deus. Barth não apóia tal ecumenismo. Para ele, a Bíblia é a Palavra de Deus para todos os homens, e não só para os da Igreja. A despeito de sua especificidade histórica, pedra de tropeço para o não crente, ela é a única guardiã da Palavra de Deus para a humanidade. O homem que nada sabe do poder da Palavra para incomodar e apoiar, punir e proteger, é alguém livre para falar todo tipo de coisas sobre o que possa ser a consciência religiosa ou quais caminhos místicos devem ser seguidos. Mas ele não é alguém que conheça ou tenha Deus (99-101, 256).

É claro, isso é altamente ofensivo para as outras religiões e para a academia, que reivindica ser capaz de julgar a teologia cristã. É muito mais razoável dizer que Deus colocou em cada homem um conhecimento dele e, portanto, um caminho para Deus em cada religião. Se assim for, então as Escrituras também podem ser vistas como tendo sua parte na produção da centelha dentro do homem, que pode virar chama através do esforço humano ou dos sacramentos sacerdotais.

O trinco que fecha a porta para esse pensamento platônico, é que Deus escolheu comunicar sua Palavra através das Sagradas Escrituras e do Espírito Santo somente (100). Não há conexão com o reino celestial senão através das Escrituras e de sua proclamação na Igreja. Em nenhum sentido a Palavra de Deus diz algo a nós que nós mesmos pudéssemos dizer. É uma palavra de perdão e promessa; uma palavra de criação, reconciliação e redenção. Ela nos questiona e comove de uma forma incomparável, e isto porque é a Palavra de nosso Criador; uma Palavra que só Deus pode pronunciar (141-142; 175-177).

Nem foi Deus compelido a dirigir sua Palavra a nós. Deus era livre e completo antes da criação, e não sentiria solidão caso não se comunicasse conosco. O homem não foi composto junto com a Palavra, como pensava Schleiermacher (140). Sua Palavra é um produto ou efeito de seu amor por nós, não uma necessidade do seu ser. Só quando entendemos isso bem, é que o significado do fato de que Deus falou, torna-se claro.

O homem que crê estar dominado pela Palavra de Deus, crê e é compelido a seguir. Ele é chamado, movido e capacitado para a fé e obediência, pela Palavra que vem a ele. Esta é a verdadeira natureza da experiência religiosa do cristão. Conheceremos a Palavra na medida em que conhecermos essa força capacitadora. Quando falamos a Palavra de Deus, falamos também de seu poder e dos efeitos que causa. Esse poder reside nela, e não depende de ninguém mais. Tudo isso pode, e deve ser dito da Palavra de Deus, porque a palavra de Deus é Jesus Cristo. Aquele que houve a Palavra de Jesus Cristo, ouve o poder do senhorio de Jesus Cristo (150-153, 208).

Acima da Igreja

A Palavra de Deus, nas Escrituras, está também acima da Igreja. O cânon não foi um critério escolhido e adotado pela Igreja, mas algo dado por Deus. Ele é ouvido através da proclamação da Palavra na Igreja. Tanto o Catolicismo como o Modernismo erram exatamente neste ponto, porque tratam a Palavra como parte da Igreja, sujeita à autoridade da Igreja, antes que como uma palavra que vem a nós com uma autoridade que está além da Igreja. Esta é a essência da epistemologia cristã, e não ousamos ficar um passo aquém, nem ir um passo além dela.

Por outro lado, a Palavra de Deus não pode ser confinada à proclamação de nenhuma igreja. A Igreja não é a dona da Palavra, de modo a poder confiná-la dentro de suas paredes. A questão do que Deus pode fazer é sempre muito diferente da questão da comissão que ele deu à Igreja. Deus pode repentinamente querer que Abraão seja abençoado por Melquisedeque, ou que Israel seja abençoado por Balaão, ou ainda, ajudado por Ciro (54). Deus pode estabelecer a Igreja quando, onde e como lhe agradar, e suas dimensões podem ser muito diferentes do que esperaríamos.

Acima da Teologia e do Teólogo

Este é um ponto crucial, e Barth o retoma muitas vezes.

No final, o que conta é se a dogmática é bíblica.
Se não é, então ela definitivamente será fútil... (287).

Sem referências às Escrituras, que, só elas, trazem Cristo a nós, a dogmática é mero erro (284). Mesmo as confissões de fé da Igreja não têm autoridade ou poder para julgar, como as Escrituras julgam (107-

108). A Bíblia está acima de qualquer doutrina porque não é uma coisa, uma idéia, uma verdade, ou um corpo de proposições, mas é, nem mais nem menos, o próprio Jesus Cristo. A Bíblia é a expressão dessa pessoa e, portanto, é sempre pessoal e absolutamente autorizada (137).

Isto significa que a teologia protestante não pode ser teologia no sentido em que a Igreja Católica usa o termo. Ela não pode incluir o conceito de desenvolvimento da revelação, nem aceitar que uma igreja seja juíza das Escrituras, como fazem os católicos, com seu magistério. Da mesma forma a teologia protestante não pode ser teologia no sentido em que o Modernismo protestante a entende, pois ela não pode ser reduzida, descartada ou julgada, seja pela experiência pessoal, seja pela razão "iluminada". O Modernismo se esquece disso avaliando a Teologia por outros padrões e, assim, se fere seguindo o bezerro de ouro da consciência religiosa e da percepção cultural. Ele pode ter agido com boas intenções e motivos piedosos, assim como aqueles que acamparam junto ao monte Sinai (250-251).

A Teologia deve ser claramente diferenciada das Escrituras, como uma serve delas e da Palavra de Deus nelas. Nem quando codificada em doutrina, a Teologia atinge *status* de Escritura (266). Pelo contrário, a Teologia é sempre uma fixação e limitação da Palavra de Deus, uma transformação da Palavra de Deus em palavra do Homem. Essa pode ser extremamente significativa, mas ainda é a palavra do Homem. A Palavra de Deus está acima da teologia como os céus estão acima da terra.

Barth é pela proclamação

As igrejas protestantes evangélicas se destacam como igrejas de pregação, corretamente, pois colocam a pregação da Palavra de Deus acima de todos os outros atos no culto (70). Teologia, instrução, louvor e ação de graças, bem como ação social - tudo isso pode comunicar a Palavra de Deus (50-53). Mas a proclamação fica acima de tudo, pois pretende comunicar a Palavra de Deus de uma forma que nos permita encontrar Jesus Cristo por nós mesmos.⁴ Por esta razão, a proclamação não pode ser arbitrária nem baseada em nenhuma autoridade autônoma ou palavra independente da Palavra de Deus.

⁴ Barth usava a palavra "proclamação" em lugar de "pregação", porque via a pregação em si mesma como não mais que discurso humano. Quando Deus está presente nas palavras pregadas ocorre a proclamação, e julgamento, arrependimento, fé e reconciliação acontecem. A pregação é sempre a palavra do Homem, mas quando e onde Deus quer ela é também a Palavra de Deus, e aí torna-se proclamação (71-72).

Deus pode nos falar através do comunismo russo, de um concerto de flautas, do florescer de um arbusto, ou da visão de um cachorro morto. Nós faremos bem em ouvi-lo, se ele de fato usar um desses canais. Mas, a menos que nos reconheçamos como profetas e fundadores de uma nova Igreja, nós não poderemos dizer que fomos comissionados a passar adiante o que ouvimos como proclamação independente (54).

Os católicos erram em sua pregação porque se contentam com a instrução em religião e moral. Os modernistas erram porque pregam somente a piedade pessoal do pregador e a causa social favorita do dia (60-62). Essas duas aberrações ocorrem porque entende-se que outra coisa, que não a pregação, encontra-se no centro da fé da Igreja. Para os católicos, são os sacramentos. Por isso a pregação católica nunca é tratada com a mesma seriedade que a missa (66-69). Além disso, o conceito católico de sucessão de autoridade através do Papa e dos Bispos desumaniza a proclamação ao baseá-la na idéia de um caráter indelével e autoridade infalível, impressa através da sucessão histórica, antes que uma fé e compromisso vivos de um indivíduo. Assim, no dia de sua ordenação, Inocêncio III pregou sobre si mesmo - corretamente, segundo o seu entendimento de pregação (97).

A própria autoridade da proclamação está ligada à ação direta de Cristo no chamar e manter seu rebanho. Não se pode dispensar esse poder diretamente à Igreja, que só pode ser vista como a porteira e guardiã dos que foram chamados pelo próprio Senhor.

Se só as Escrituras são a base da proclamação, e o Espírito do Cristo vivo o único que transforma pregação em proclamação, o que garante que o conteúdo concordará com a revelação atestada nas Santas Escrituras? É aqui que a teologia entra com todas as ferramentas à sua disposição.

A tarefa da dogmática é examinar o conteúdo da proclamação da Igreja do ponto de vista filosófico, lógico, epistemológico, cosmológico e psicológico; e também a sua forma, do ponto de vista histórico, político, ético... (250-251).

Embora a Teologia nunca alcance o *status* de revelação e nunca possa ser vista como um fim em si mesma, ela tem uma importante função na Igreja. Seu propósito é guiar, testar e corrigir a proclamação, com base nas Escrituras. Ela não pode das ordens na Igreja, somente a proclamação pode fazê-lo (86-87). Mas ela oferece à Igreja e àqueles que proclamam a Palavra de Deus, princípios gerais, orientações, *insights*, diretrizes e limites para um correto discurso sobre Deus. É uma tarefa estimulante, cujo objeto é tão maior que os métodos e meios que os resultados sempre parecem pobres. Assim, a fé e a oração são

essenciais à dogmática, pois mostram o reconhecimento de que nada podemos realizar por nossos próprios planos.

Pela Teologia e pelo Teólogo

Qualquer um pode ser filósofo, historiador ou psicólogo da religião, seguindo os critérios da cultura ou filosofia de sua época. Mas só quem segue a teologia da revelação dada nas Escrituras pode reivindicar ser um teólogo cristão (253). Sobre tal pessoa paira a espada do julgamento de Deus.

O teólogo cristão, portanto, é alguém que executa sua tarefa não só com todas as faculdades intelectuais de atenção, concentração, compreensão e análise, mas também, com compromisso com Jesus Cristo e com as Escrituras, que comunicam sua Palavra a nós (117). No momento daquela decisão de crer e obedecer, ele ouve o chamado para ser teólogo. Esse chamado não é uma decisão que nós mesmos produzimos, mas é uma palavra pessoal da parte do próprio Senhor. Como Lutero escreveu:

Doutores em Artes, Medicina, Direito e Filosofia podem ser feitos pelo Papa, pelo Imperador e pelas Universidades; mas esteja certo de que ninguém pode fazer um doutor nas Sagradas Escrituras senão o Espírito Santo dos céus... (18-21).

Nunca pense que porque você é um teólogo você alcançou um mais alto estágio de fé (83). Não há na Igreja aristocracia de teólogos que nos coloque no reino de Deus acima de pastores e outros membros do Corpo. A dogmática não é a técnica de algumas pessoas melhor colocadas espiritualmente. Ela não é privilégio de um Cristianismo esotérico. Nem têm os dogmáticos acesso a uma fonte de conhecimento melhor e mais alta. O "Eu creio para entender", de Anselmo, não implica transição da fé para um tipo superior de ser cristão. Isso foi rejeitado desde a luta contra o gnosticismo. A mais simples proclamação do evangelho pode comunicar a verdade no sentido mais ilimitado.

Anselmo, Boaventura, Lombardo e Aquino, todos se referiram no início de suas obras à pobreza de seu pensamento e expressão. Lombardo comparou sua realização à pequena oferta da viúva ou aos dois denários que o Bom Samaritano deixou com o hospedeiro com a promessa de pagar mais quando retornasse. Enquanto trabalhamos para sermos dignos teólogos da Igreja de nosso tempo e cultura, lembremo-nos de ser trabalhadores diligentes e servos humildes.

CONCLUSÃO

Meu propósito com este artigo foi mostrar que Barth via a si mesmo como servo e defensor da teologia evangélica. Quando perguntado sobre o motivo de sua opção pela teologia evangélica e sua posição contrária a todas as outras, com certeza absoluta respondeu: “O fato de seguirmos após a teologia evangélica e não a qualquer outra é, naturalmente, é algo tão discutível e questionável como o batismo e a fé (34). Para Barth, a compreensão evangélica de Deus era uma abordagem de conhecer a Deus que não poderia ser avaliada por seus méritos como se alguém pudesse escolher uma teologia por sua própria vontade. Trata-se simplesmente de um fato fundamental dado, sólido, como a própria cruz.

Portanto, creio que Barth merece uma avaliação mais fundamentada por parte dos evangélicos, e posso prometer que o leitor que se esforçar para ler os prolegômenos de Barth no volume I/1 por si mesmo, achará o original infinitamente mais rico e incentivador do que a minha abordagem limitada e resumida.⁵

⁵ Segue aqui algumas obras básicas úteis para a pesquisa sobre o pensamento de Karl Barth: Bloesch, Donald. *Jesus is Victor!* Abingdon, 1976. Bolich, Gregory. *Karl Barth & Evangelicalism*. IVP, 1980. Bromiley, Geoffrey. *Introduction to the Theology of Karl Barth*. Eerdmans, 1979. Hunsinger, George. *How to Read Karl Barth. The Shape of His Theology*. Oxford, 1991.